

AVALIAÇÃO DOS DIFERENTES FUNGICIDAS RECOMENDADOS PARA O CONTROLE DA PHOMA QUANTO À INCIDÊNCIA DA DOENÇA EM FOLHAS, PEGAMENTO DE FRUTOS E PRODUTIVIDADE.

M. Almeida – Eng. Agr. Uniagro/Cooparaiso; J. C. S. Reis – Eng. Agr. BASF.

A Mancha de Phoma constitui sério problema em várias regiões produtoras, especialmente em lavouras situadas acima de 700 metros de altitude. A doença é favorecida por condições climáticas em que coincidem temperaturas amenas (18 a 19 ° C) e umidade relativa elevada. Esta condição ocorre principalmente com a entrada de frentes-frias, com chuvas finas e continuadas (AGUIAR, 2012). Áreas sujeitas à incidência de ventos com histórico da doença e lavouras irrigadas são as mais favoráveis à doença. Na florada, uma das épocas mais importantes do ciclo reprodutivo do cafeeiro, os botões florais podem ser afetados por estas doenças, com conseqüente queda ou posterior mumificação dos frutos no estágio inicial de desenvolvimento. O controle preventivo com fungicidas específicos, tradicionalmente realizado em pré e pós-florada (setembro/outubro) em regiões com histórico dessas doenças, também tem sido recomendado por especialistas para o período pré e pós-colheita, com significativo controle e conseqüente incremento na produtividade (MATIELLO, 2010).

Deste modo, o presente trabalho teve como objetivo avaliar os diferentes fungicidas recomendados para o controle da Phoma quanto à incidência da doença em folhas, pegamento de frutos e produtividade, aplicados nos períodos de pós-colheita, pré e pós-florada.

O ensaio foi conduzido na Fazenda Primavera em São Sebastião do Paraíso - MG, altitude 920 m, com a cultivar Catuaí Amarelo IAC 62, plantado em dezembro de 2007, no espaçamento de 3,5 x 0,7 m, totalizando 4.081 plantas ha⁻¹.

O delineamento experimental utilizado foi o de blocos casualizados, com três repetições. Foram avaliados oito tratamentos, constituídos da seguinte forma: T1 – Testemunha; T2 – Tiofanato Metílico 240 gr.kg⁻¹ com Clorotalonil 600 gr.kg⁻¹ (Brisa WG 1,2 kg.ha⁻¹); T3 – Azoxistrobina 500 gr.kg⁻¹ (Amistar 0,1 kg.ha⁻¹); T4 – Piraclostrobina 128 gr.kg⁻¹ com Boscalide 252 gr.kg⁻¹ (Comet 0,16 L.ha⁻¹ com Cantus 0,15 gr.ha⁻¹); T5 – Iprodiona 500 gr.L⁻¹ com Tebuconazol 200 gr.L⁻¹ (Rovral 0,5 L.ha⁻¹ com Folicur 0,5 L.ha⁻¹) e; T6 – Boscalide 500 gr.kg⁻¹ (Cantus 0,15 kg.ha⁻¹). Foram realizadas três pulverizações – setembro, outubro e novembro de 2011.

Foram avaliados os seguintes parâmetros: incidência da doença em folhas, pegamento de frutos e produtividade.

Os dados obtidos foram submetidos à análise de variância para verificar a existência de diferenças entre os tratamentos. Para a comparação das médias, foi aplicada o teste de Tukey a 5%.

Tabela 1 – Número médio de folhas atacadas por phoma, número médio de frutos por roseta e produtividade média (sacos/ha), em função do tratamento de pós-colheita, pré e pós-florada, S.S do Paraíso-MG, 2011.

Tratamentos	Fungicidas	Nº médio de folhas atacadas (%)	Nº médio frutos/ roseta	Produtividade (sc.ha ⁻¹)
T1	Testemunha	22,2 a	6,03 d	34,3 e
T2	Brisa WG 1,2 kg.ha ⁻¹	8,3 c	8,46 ab	46,68 b
T3	Amistar 0,1 kg.ha ⁻¹	9,2 bc	7,9 bc	43,69 bc
T4	Cantus 0,15 kg.ha ⁻¹ + Comet 0,16 L.ha ⁻¹	5,1 d	9,56 a	51,89 a
T5	Rovral 0,5 L.ha ⁻¹ + Folicur 0,5 L.ha ⁻¹	7,6 cd	8,5 ab	46,78 b
T6	Cantus 0,15 kg.ha ⁻¹	6,8 cd	9,33 a	50,84 a
C.V%		9,82	5,35	7,81

Médias seguidas de mesma letra não diferem entre si a 5% de probabilidade pelo teste de Tukey.

Pelos dados da tabela 1, pode-se observar que houve um efeito significativo com relação ao número médio de folhas atacadas por phoma (em %) em função do tratamento, em que todos os tratamentos diferiram da testemunha com relação à eficiência no controle da doença. O tratamento 4, Comet 0,16 L.ha⁻¹ com Cantus 0,15 gr.ha⁻¹, proporcionou a menor incidência de ataque da doença, cerca de 76 % superior a testemunha e superior também aos T2 e T3. Os tratamentos T4, T5 e T6 não diferiram estatisticamente entre si. Uma das respostas a esta superioridade talvez seja pelo efeito sinérgico da Piraclostrobina com o Boscalide, potencializando a ação dos fungicidas melhorando desta forma a performance de controle, uma vez que os dois fungicidas agem na mesma organela (mitocôndrias), porém em lugares distintos dentro da Cadeia de Transporte de Elétrons (CTE), interrompendo a produção de ATP com maior eficiência. Avaliando o número médio de frutos.roseta⁻¹ e a produção.ha⁻¹, os tratamentos diferiram significativamente de acordo com o teste de Tukey a 5% de probabilidade da testemunha, com destaque novamente para o tratamento 4, que apresentou um pegamento de frutos de aproximadamente 37% e, conseqüentemente, um incremento em produtividade de 33% quando não se efetuou o controle da phoma. Comparando o tratamento 4 com os demais tratamentos, notamos que nos parâmetros avaliados (média de frutos.roseta⁻¹ e produtividade) não houve diferença significativa com relação ao tratamento 6, porém diferindo dos demais tratamentos (T2, T3 e T5) de maneira significativa, isto devido a maior especificidade do fungicida Cantus com relação ao controle das doenças de florada e proteção

dos chumbinhos, evitando a mumificação dos mesmos e garantindo maior quantidade de sacas de 60 kg.hectare⁻¹.

Em função dos resultados obtidos, **conclui-se que:**

- 1) Todos os tratamentos promoveram o controle significativo com relação à incidência de phoma em folhas, com destaque para o tratamento 4 (Cantus 0,15 L.ha⁻¹ com Comet 0,16 gr.ha⁻¹);
- 2) Os tratamentos 4 (Cantus 0,15 L.ha⁻¹ com Comet 0,16 gr.ha⁻¹) e o tratamento 6 (Cantus 0,15 kg.ha⁻¹), foram os que apresentaram melhores resultados com relação ao pegamento de frutos por roseta e obtiveram os melhores índices de produtividade.